

O Espantalho Enamorado

Guido Visconti

Giovanna Osellame



Livros Horizonte



Gustavo era um espantalho feliz. Tinha muitos amigos entre os animais da vizinhança. E tinha amigos sobretudo entre os passarinhos, precisamente aqueles que devia espantar. “Obrigado por nos deixares bicar as espigas” chilreavam eles à sua volta.

“Bem, eu peço-vos sempre qualquer coisa em troca, não é?”, ria-se ele.

De facto, Gustavo confiava nos pássaros para levarem as suas ternas mensagens de amor a Amélia, a menina-espantalho que vivia no topo da colina.

Gustavo estava apaixonado por Amélia. Sonhava com o dia em que ia poder abraçá-la. Mas como? Apenas podia, quando a brisa soprava, acenar-lhe com a manga do casaco.



Quando chegou o Outono, contudo,
Gustavo ficou triste.

As belas espigas douradas foram ceifadas
e muitos dos seus amigos tiveram de partir.
Já não havia andorinhas a chilrear, mas sim
corvos negros.

Embora também fosse amigo dos corvos,
Gustavo não podia mandar mensagens
de amor através das suas vozes estridentes.
Além disso, no Outono não soprava a brisa.
Em seu lugar soprava uma fria nortada,
por vezes tão forte que Gustavo temia
que o seu chapéu lhe voasse da cabeça.

– Queres que a Amélia veja que sou
careca?! – gritou-lhe.

– Desculpa, – assobiou a nortada. – Vou-me
embora.

– Não! Se te fores embora, vem o nevoeiro!

Gustavo não gostava do nevoeiro, pois este
impedia-o de ver Amélia.

Mas mesmo que não houvesse vento nem nevoeiro, no Outono Gustavo não podia admirar Amélia: tinha de estar alerta para avistar os caçadores a tempo de avisar os poucos amigos que tinham ficado.

– Inimigo à vista! – gritou ele, um dia, de repente. À distância avistava-se um homem armado com uma espingarda...

A raposa que buscava a sua presa, a lebre à procura de raízes, os falcões à cata de grãos, os patos nas margens do rio e as codornizes entre os caules cortados, todos escutaram o grito de Gustavo. E num ápice, todos desapareceram, como que por magia.

Porém, um dos animais não foi suficientemente rápido...
PUM!, fez a espingarda.
– Aaaáii! – gemeu uma codorniz.



O caçador aproximou-se.
Pôs-se à procura da codorniz mas não conseguiu achá-la.

– Mas eu tenho a certeza que lhe acertei – resmungou. Procurou durante um bom bocado; da codorniz, nem sinal. O caçador continuou a resmungar, primeiro confuso, depois zangado. Estava cansado e começou a transpirar. Tinha calor com o cachecol. Então, tirou-o e depositou-o sobre as costas do espantalho, dizendo-lhe:

– Vê lá se não o deixas voar com este vento. A seguir afastou-se, procurando e resmungando.

– E eu sou algum cabide? – protestou Gustavo.

Mas parou de protestar assim que sentiu o calor do belo cachecol. Talvez a codorniz...





– Já se foi – murmurou Gustavo. – Estás ferida?
– Só um bocadinho – respondeu a codorniz, espreitando de um bolso do casaco. – Salvaste-me a vida. Como posso agradecer-te?



– Leva este cachecol à Amélia – respondeu Gustavo rapidamente. – Deve estar cheia de frio, com aquela roupa levezinha.



Com o seu rápido bater de asas a codorniz chegou ao topo da colina.

– Gustavo manda-te este presente – disse-lhe, esvoaçando em seu redor. – Está tão apaixonado! Qualquer dia casa contigo.

– Quem me dera – suspirou Amélia, acenando para Gustavo com a ponta do cachecol.

Mas Gustavo não estava a olhar para ela...



... porque o caçador voltara, com o saco a tiracolo cheio de caça e um ar triunfante no rosto.

Já não tinha calor, e vinha buscar o seu cachecol.

Mas o cachecol desaparecera.

– Em vez de ficares aí parado, devias ter evitado que o vento levasse o meu cachecol! Agora tenho frio – gritou ele ao pobre espantalho enquanto lhe tirava o chapéu.

– Oh, vou morrer de vergonha – gemeu Gustavo. Ainda por cima o caçador preparava-se também para lhe tirar o casaco...



–Ai, assim vai morrer de frio – gritaram os seus amigos que observavam a cena nos seus esconderijos.

– Agora é a nossa vez de lhe salvar a vida – decidiu a raposa, lançando-se ao ataque.

Os outros fizeram o mesmo.

Patos, faisões, corvos, lebres e codornizes atiraram-se ao caçador, fazendo-o cair.



O caçador tentou defender-se. Arrancou Gustavo do chão e empunhou-o como se ele fosse um bastão.

– Assim já é demais! – a raposa, a lebre, faisões, corvos e codornizes mostraram as garras e os dentes, verdadeiramente enfurecidos.



O caçador tentou fugir dos animais.

– Acudam! Estou a ser atacado! – gritou ele em louca correria pela colina acima, com o Gustavo nas mãos.

A meio da subida o caçador já estava quase sem fôlego, bem como os animais que o perseguíam, mas Gustavo suplicou-lhes:

– Por favor, só mais um bocadinho. Estamos quase lá.



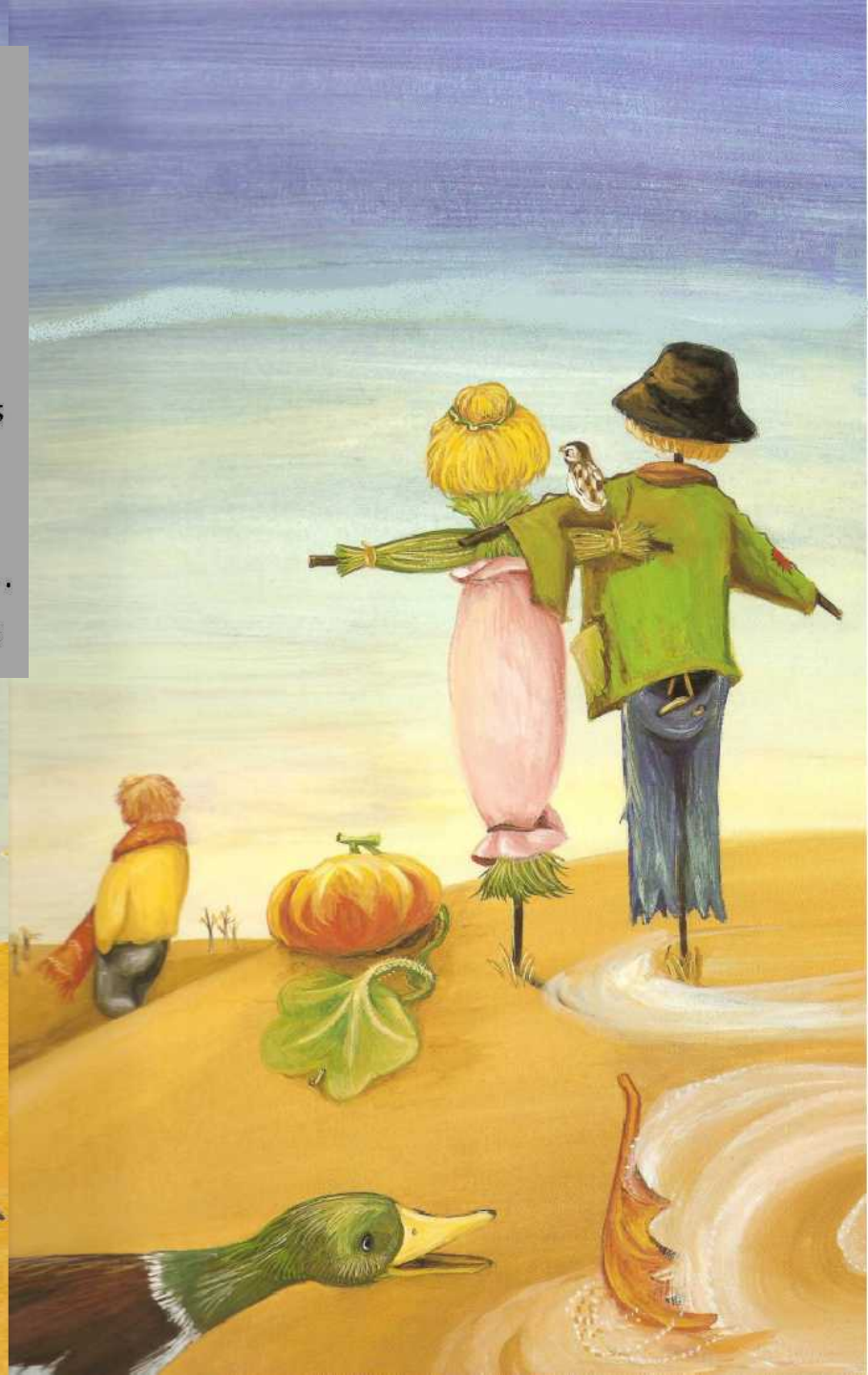
– Chegámos! Podem parar! – exultou Gustavo ao atingirem o topo da colina.

– Sí, parem – suplicou o caçador. – Eu devolvo-te o chapéu, mas díz aos teus amigos para me deixarem em paz.

Os animais clamaram:

– Por que é que estás contra nós? Já reparaste que encontrámos o teu cachecol?

Afinal, o cachecol estava ali perto, sobre os ombros de Amélia... O caçador pegou nele e virou costas, sem sequer lhes agradecer.



Gustavo, por outro lado, achou que nunca conseguiria recompensar os seus amigos pelo que tinham acabado de fazer.

– Obrigado. Muito obrigado – balbuciou. Estava um pouco maltratado, tinha as roupas amarrotadas, as mangas do casaco estavam caídas, mas ele não sentia vergonha. Estava tão contente por ter Amélia tão próxima de si... Tão próxima que sentiu um enorme desejo de a abraçar.
Mas como?

– Deixa-me ajudar-te. – E a nortada pôs-se a soprar, levantando a manga do casaco de Gustavo e pousando-a sobre os ombros de Amélia. – Agora sim, estão casados! – soprou ela aos quatro cantos do mundo, enquanto por cima da colina, a lua branquinha velava pelos dois amantes.



Amélia



Gustavo



FIM